

A Música como Representação Cultural do Pantanal Sul Mato Grossense: no dedilhar da viola

Carina Bonny¹

RESUMO:

O artigo em questão tem por pressuposto abordar a Representação e a busca por uma identidade cultural do Estado de Mato Grosso do Sul, principalmente no processo pós – divisão que tornou a discussão sobre identidade ainda mais aguçada, ou seja, aspectos, costumes, hábitos e práticas que diferencia-se o Sul do Norte de Mato Grosso. E sendo assim, após a divisão do Estado que antes era apenas Mato Grosso, estudiosos, artistas, entre outros cidadãos habitantes do “novo Estado”, e principalmente um grupo seletivo de artistas que atuavam no campo da música, tornaram-se os principais protagonistas neste enredo, buscando através da arte enfatizar aspectos culturais que caracteriza-se o Estado recém criado, estabelecendo assim uma relação intrínseca com o Pantanal, uma vez que boa parte dessa planície alagadiça se localiza nessa região. Para tanto, tomaremos por foco a música e a poesia do cantor e compositor Almir Sater, destacando duas canções em especial que é Comitiva Esperança (1983) e Peão (1982).

Palavras-chave: música, representação, identidade, Mato Grosso do sul, Almir Sater.

SUMMARY:

The article in question is assumed to approach the representation and the search for a cultural identity of the state of Mato Grosso do Sul, mainly in the post process - the division that made the discussion even more acute identity, ie, aspects, customs, habits and practices that differentiates the South of Northern Mato Grosso. And thus, after the division of the state that was once only Mato Grosso, scholars, artists, citizens and other inhabitants of the "New State", and especially a selective group of artists who worked in the field of music, have become the main protagonists this plot, looking through art emphasize cultural aspects that characterized the newly created state, thus establishing a close relationship with the Pantanal, since much of this flooded lowlands is located in this region. To do so, we will focus on the music and poetry of the singer-songwriter Almir Sater, highlighting two songs in particular that is Hope Fellowship (1983) and Pawn (1982).

Keywords: music, representation, identity, Mato Grosso do Sul, Almir Sater.

Este artigo – fragmentos dos escritos da minha Monografia que intitula-se A Representação do Pantanal Sul Mato Grossense nas *Canções Peão (1982) e Comitiva Esperança (1983)* de Almir Sater, uma pesquisa inicial que me proporcionou o título de Graduada em História – Licenciatura. O artigo em questão visa discorrer sobre a intensa busca por aspectos que caracterizem o “novo Estado” que surgiu com a divisão do antigo Mato grosso, acontecimento que data 1977, como um polo cultural, aspectos que diferenciassse a antiga Capital Cuiabá da atual Capital Campo Grande.

Seguindo essa perspectiva analítica, poderíamos afirmar que este artigo é um convite ao leitor para que reflita sobre a música regional, sobre as inúmeras influências culturais recebidas pelo Estado, devido as correntes migratórias que escolheram o Mato

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Grosso do Sul como moradia, e conseqüentemente sobre as constantes construções de Identidades Culturais presentes em nossa região e principalmente a relação intrínseca que se estabeleceu com o Pantanal ao longo da História. De acordo com Albana Xavier Nogueira na apresentação feita por ela do livro *A Música de Mato Grosso do Sul: Histórias de vida*:

A procura de caminhos para redescobrir uma identidade sul-mato-grossense tem sido uma preocupação constante na rotina de pesquisadores, intelectuais, curiosos, enfim, daqueles que se preocupam com assuntos dessa natureza².

A pesquisa reflexiva sobre a música como uma fonte histórica fora embasada na Entrevista do artista objeto de análise desse enredo, que está presente no livro citado acima de autoria de Maria da Glória Sá Rosa e Idara Duncan, também com base na entrevista disponível no site Overmundo, e principalmente com o mapeamento das Canções Peão e Comitiva Esperança, canções que destacam aspectos culturais do Pantanal Sul Mato Grossense e que são as principais fontes para a narrativa deste trabalho, acompanhadas de inúmeras bibliografias que auxiliaram no processo de entendimento do que é representação, identidade cultural, apego as tradições, a música, e principalmente bibliografias que discutem o processo de pós – divisão em que o Estado se encontrava.

Este trabalho visa também, propor uma reflexão sobre a formação cultural do Estado do MS, e a representação dessa região nas canções, cuja as letras e ritmos buscam traduzir um pouco da vivência do povo habitante dessa região. Procuramos discutir a imagem que é passada desse local através das canções, objeto de análise dessa pesquisa. Da mesma forma, tenciona uma reflexão de como essa tradição, da lida rotineira com o gado, alguns hábitos e costumes que permeiam o cotidiano da vida pantaneira, tão falada e enaltecida nas músicas, tornaram-se uma espécie de identidade para a caracterização da cultura regional, e como resiste e se adapta às mudanças sociais e culturais do Estado. Propõe pensar também, como já fora dito acima, a intrínseca relação do Estado do Mato Grosso do Sul com uma boa parte do Pantanal sul-mato-grossense, relação que vem sendo construída, em especial através da música, como uma busca identitária ao longo do processo histórico de formação do Estado, principalmente após o processo de divisão.

² NOGUEIRA, Albana Xavier. Apresentação. In: ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: Histórias de Vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009.p.12.

Dentro desse contexto, as canções do violeiro objeto de análise desse estudo, torna-se sobretudo dentro da chamada “música popular”, a “tradutora” de algumas práticas sociais que persistem ao longo do tempo no Pantanal. Uma vez que, de acordo com Marcos Napolitano:

A música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. (...) Portanto, arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar a música³.

Nesse sentido a música é pensada como a tradutora de uma sociedade que vivia um período de constante mudança, e que tinha necessidade de reafirmar sua identidade cultural. Embora mesmo antes do processo de divisão já havia essa busca, mas tornou-se intensa após o processo político que culminou com a separação do Estado. A partir de então um grupo de artistas se empenhou nesse processo de identificação, e de certa maneira foram eleitos e incumbidos de cantarem aspectos que pudessem representar o “novo Estado”, como por exemplo, o artista objeto de estudo, Tetê e o Lírio Selvagem, Paulo Simões, Geraldo Espíndola, Moacir Lacerda, Geraldo Roca, Tetê Espíndola, Guilherme Rondon, Celito Rondon, Carlos Colman, Alzira Espíndola, Lenilde Ramos, Antônio Porto, Jerry Espíndola, Márcio de Camilo, Rodrigo Teixeira, Vitor Diniz, Evandro Higa, Manoel Rasslan, Ciro De Oliveira, Cândido Alberto, Lizoel Costa, Oscar Rocha, Zacarias Mourão, Délio e Delinha, Zé Corrêa, Amambay e Amambaí, Beth e Betinha, Brancão, Jandira e Benites, Helena Meirelles, Aurélio Miranda, Dino Rocha, Tostão e Guarany, Aral Cardoso, entre outros.

Almir Sater: e o Pantanal Sul- Mato-Grossense

O Pantanal é considerado um dos ecossistemas mais ricos do Brasil, estende-se pelos territórios do Mato Grosso (região sul), Mato Grosso do Sul (noroeste), Paraguai (norte) e Bolívia (leste). Ao final, soma-se ao todo que essa região tenha aproximadamente 228 mil quilômetros quadrados, e devido a sua grande importância e também diversidade ecológica, o Pantanal é considerado pela UNESCO como um Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera⁴.

³ NAPOLITANO, Marcos. *História e música – história cultural da música popular*/ Marcos Napolitano. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 120p. p. 7.

⁴ Informação disponível em www.suapesquisams.tur.br. Acesso em 08/11/2011

O Pantanal é uma enorme planície e está situado na Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai. Recebe influência do Rio Paraguai e seus afluentes, que alagam a região formando extensas áreas alagadiça dando origem aos pântanos e favorecendo a existência de uma rica biodiversidade. A época de chuvas e cheias dos rios ocorrem durante os meses de Novembro a Abril⁵

E, é esta região descrita acima que Sater representa em inúmeras de suas canções. Ele, como cancionista regional, compõe, na maioria de suas músicas, o dia a dia do Pantaneiro, seu cotidiano e da natureza que o cerca, mas também fala dos amores e das paixões, e de um grande amor que foi embora, e também interpreta canções que foram consagradas para todo o país através de sua voz.

Canções como *Tocando em Frente, Varandas, Trem do Pantanal, Boiadeiro, Estradeiro, Peão, Comitiva Esperança, Capim Ribanceira e Um Violeiro Toca*, são algumas de suas composições e interpretações que relatam o cotidiano do Pantanal e da vida pantaneira, falando dos bichos, dos rios, das plantas, e dos costumes do povo que habita essa região, como as rodas de viola e os causos, a profissão de boiadeiro, as comitivas, a própria chalana utilizada como meio de transporte, entre outros assuntos que são pauta de suas composições, como os problemas que pouco a pouco atingem essa região.

Almir Eduardo Melker Sater considera-se um pantaneiro, assume o fascínio que tem por essa região desde menino, revela que deve a sua aceitação pelo público nacional à viola caipira que exerce um verdadeiro fascínio no povo do interior do Brasil⁶.

O Pantanal sempre foi meu sonho, desde menino. Quando eu ia para a fazenda de meus amigos, passava lá quatro meses por ano, mas meu sonho foi sempre ter um rancho na beira o rio Negro e, por achar que aquilo era importante na minha vida, quis estender a minha família. Morei cinco anos diretos no Pantanal, meus filhos foram criados lá, e é realmente o lugar onde me sinto mais à vontade. Sinto que eu não preciso de nada, tenho tudo ali⁷...

Através da citação acima, podemos compreender que a imagem que é passada dessa região através das canções de Sater, não é algo simplesmente poético, uma vez que o artista morou nesse local, conhecendo alguns pontos da cultura e dos costumes, assim como a fauna e a flora do lugar, adotando para si um pouco desses hábitos.

Assim, entendemos que Sater seleciona itens dessa região e da cultura desse lugar como inspiração ao realizar suas composições, fala de boi, boiada, bichos entre

⁵ *Idem.*

⁶ ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: história de vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009. P.97-107.

⁷ *Ibid.* P.97-107.

outros, construindo um enredo musical para falar do Pantanal. Entendemos que o artista procura em muitas de suas canções imortalizar essa tradição tão falada e enaltecida do “boiadeiro” e seu local de moradia, destacando como essa profissão e o Pantanal resistem às mudanças sociais e culturais do Estado do Mato Grosso do Sul, projetando seu dia a dia para o Brasil, como também contribuindo para essa busca de identidade cultural do qual tanto se fala no âmbito acadêmico.

Dentro desse contexto, a música contribui em grande parte para essa busca, uma vez que a identidade não é mais tida como estática e está sujeita a mudanças. De acordo com Bauman: “Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”⁸.

A partir desse conceito, entendemos que o artista em questão seleciona fatos, hábitos e costumes rotineiros que englobam o dia a dia do habitante do Pantanal e sua vivência como parte integrante do mesmo, criando uma imagem da cultura sul-mato-grossense, imagem esta que não consegue ser a representação “fiel” da realidade, mas elege fatos que simbolizam um pouco da nossa identidade cultural.

A Saga, a Sina, e a Trajetória de um Peão Boiadeiro.

Diga você me conhece
Eu já fui boiadeiro
Conheço essas trilhas
Quilômetro, milhas
Que vem e que vão
Pelo alto sertão
Que agora se chama
Não mais de sertão
Mas de terra vendida
Civilização⁹

⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benetto Vecchi*; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2005.

⁹Disponível em: <http://letras.mus.com.br/almirsater>. Acesso em: 20/12/2012

Na primeira estrofe da canção *Peão*, Sater inicia como se fosse um boiadeiro relatando um pouco de sua história, de uma maneira “melancólica” dedilha a viola, cantando lentamente a música como se recordasse um passado muito distante que ficou registrado em sua memória. E reafirmando na segunda estrofe:

Ventos que arrombam janelas
E arrancam porteiras
Esporas de prata riscando as fronteiras
Selei meu cavalo
Matula no fardo
Andando ligeiro
Um abraço apertado
E um suspiro dobrado
Não tem mais sertão¹⁰

Seguindo esse contexto, nessa parte da canção relata fenômenos naturais que se pode entender fazem parte da rotina do homem pantaneiro, assim como as esporas, a sela, o cavalo que é um dos principais meios de trabalho para o peão no Pantanal, o que facilita a lida diária com o gado, nessa planície alagadiça, uma vez que, de acordo com Albana Nogueira, a profissão de Peão tornou-se uma forma de sobrevivência para os moradores desse local, que prestam seus serviços e recebem um salário por isso.

Sater, na terceira estrofe, de certa maneira deixa margem a essa interpretação, quando pontua algumas possíveis mudanças culturais dessa região:

Os caminhos mudam com o tempo
Só o tempo muda um coração
Segue o seu destino boiadeiro
Que a boiada foi no caminhão
A fogueira, à noite
Redes no galpão
O paieiro, a moda
O mate, a prosa

¹⁰.Disponível em: <http://letras.mus.com.br/almirsater>. Acesso em: 20/12/2012

A saga, a sina
O “causo” e onça
Tem mais não
O peão.....¹¹

Na primeira parte expressa uma nostalgia ao relatar o passado, pontuando que os caminhos podem mudar com o tempo, mas o coração do peão jamais, o boiadeiro que ele representa, não toca mais a boiada, pois a forma de viver e de trabalhar mudou e o boiadeiro sente saudade do período em que fora peão.

Seguindo essa discussão, na segunda parte revela práticas e hábitos que fazem parte da rotina pantaneira, como a fogueira, a moda, o mate, o “causo”, que são histórias relatadas pelos moradores da região, fala dos bichos como a onça que se faz presente no Pantanal e, principalmente, termina relatando que isso não tem mais e imita o grito que o peão dá com o gado “ô peão”.

Pode-se observar e também questionar, o que Sater procura transmitir nessa canção? É apenas uma representação de um simples boiadeiro com saudades da profissão? Compreendemos que é uma maneira que o artista encontrou de mostrar para o Brasil que no Pantanal sul-mato-grossense existem moradores praticantes de uma cultura, e que ao contrário da imagem passada para o País, esse local não é cercado apenas de rios, matas e bichos, mas que também existe uma população com crenças e hábitos, pois a cultura muda no decorrer do tempo, mas não desaparece por completo, apenas se adapta.

Esses elementos descritos na canção, promovem o “reconhecimento” de um espaço rural (Pantanal), revelando um lugar de existência social e histórica de sujeitos que integram esse lugar e uma maneira singular de viver. Revelam um sujeito que faz parte de uma vivência social, integradas por moradores de uma determinada região rural, além de contribuir para a construção identitária desses indivíduos¹².

Tempos e vidas cumpridas

¹¹ *Idem.*

¹² ALVES JÚNIOR, José Antônio, 1981. *Música Caipira Raiz: o entre lugar da memória e da contradição*/ José Antônio Alves Junior. – 2009. 125f.

Pó, poeira, estrada
Estórias contidas nas encruzilhadas
Em noites perdidas
No meio do mundo
Mundão cabeludo
Onde tudo é floresta
E campina silvestre
Mundão “caba” não”
“Sabe “prum” bom viajante
Nada é distante
“Prum” bom companheiro
Não conto dinheiro
Existe uma vida
Uma vida vivida
Sentida e sofrida
De vez por inteiro
E esse é o preço “preu” ser brasileiro¹³”

Na estrofe final da canção podemos analisar que Sater utiliza algumas expressões bem simples, como por exemplo, “Mundão caba não”, “prum” bom viajante”, “preu ser brasileiro”, que pode-se entender como uma expressão da região pantaneira. Afinal, Sater conviveu de perto com a cultura dessa região e, conseqüentemente, adotou hábitos dessa terra e que retrata em suas canções.

Mas também há mais uma interpretação: Sater faz uma espécie de apelo à preservação do Pantanal e à tradição de manter a cultura boiadeira. Nesse momento, nós questionamos, a maneira como o artista se expressa, pois a cultura muda e se adapta, se transforma, porém nada desaparece, apenas se modifica.

Enfatizando essa discussão, de acordo com o historiador Hobsbawn:

A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigentes nas sociedades ditas “tradicionais”. O

¹³ Disponível em: <http://letras.mus.com.br/almirsater>. Acesso em: 20/12/2012

objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente¹⁴.

Nesse sentido, entendemos que a poesia (música) composta por Sater representa, de certa forma, um pouco das possíveis mudanças que ocorreram nesse período, a canção assume a função de apelo à tradição e a afirmação da mudança de costumes nessa região.

Almir Sater é um representante da música e da Cultura Pantaneira sul-mato-grossense, porém de acordo com Sandra Jatahy Pesavento:

A representação é conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é da ordem do mimético ou da transparência. A representação não é a cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele¹⁵.

O artista, objeto de análise desse trabalho, constrói uma representação do que possa ser o Pantanal e os moradores dessa região. Logo, podemos interpretar que Sater, de maneira alguma, é “neutro” ao escrever suas canções, suas indagações e percepções do universo pantaneiro se evidenciam nas composições de suas músicas, seleciona fatos que deve representar, contribuindo assim de uma maneira ou de outra para o conhecimento e divulgação da região pantaneira.

É notável em diversas passagens dessa música a exaltação à vida no campo, relembrando nostalgicamente práticas culturais típicas naquela época, mas que se modernizaram, e o artista através da música sertaneja que se popularizou muito no decorrer do século XX, se coloca através de seus versos no lugar do possível peão com saudade da profissão.

O que nos remete a discussão proposta pela autora Pesavento, a Representação não é o reflexo da realidade, não podemos afirmar que o Pantanal é exatamente igual ao que se descreve nas canções, mas sim uma construção do que ele

¹⁴ HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.10

¹⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar*. In: História e História Cultural. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.40.

possivelmente possa ser, feita por Sater através da vivência e contato que ele teve com o local.

A música se torna, nessa circunstância, uma expressão de uma “realidade social”, para explicar o significado da palavra empregada pela historiadora Pesavento, que contribui mais uma vez quando pontua:

Há uma exposição, uma representação de algo ou de alguém que se coloca no lugar de um outro, distante no tempo e/ ou no espaço. Aquilo/aquele que se expõe, o representante guarda relações de semelhança, significado e atributos que remetem ao oculto o representado. A representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão¹⁶.

A representação não é a verdade pronta e acabada, mas sim uma verossimilhança com o real, o artista ao compor suas canções coloca em evidência aspectos dessa cultura e desse ambiente que os caracterizam, projetando uma determinada imagem para o país, contribuindo para a identidade cultural do Estado onde se localiza boa parte dessa planície alagadiça.

A viagem e os caminhos percorridos pela *Comitiva Esperança* no ano de 1983.

A canção *Comitiva Esperança* (1983) teve sua origem no decorrer de uma expedição comandada por Sater ao Pantanal, entre os meses de Novembro de 1983 e Janeiro de 1984, para conhecer de perto a fauna, a flora, e os costumes desse lugar, o qual sempre exerceu um enorme fascínio e curiosidade no artista. Em parceria com Paulo Simões compôs mais uma música que se tornou conhecida no país inteiro através da novela Pantanal, exibida na extinta Rede de Televisão Manchete.

Essa aventura em busca da Cultura Pantaneira¹⁷, levou os músicos Almir Sater, Paulo Simões e Zé Gomes a percorrerem diversas regiões do Pantanal sul-matogrossense, de certa forma pesquisando e documentando essa viagem, pois viajaram com uma equipe de filmagem que depois se originou em um documentário de 16 médiâ-metragem dirigido por Wagner Carvalho¹⁸. No decorrer dessa viagem, os aventureiros

¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar*. In: História e História Cultural. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.40.

¹⁷ ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: história de vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009.p.102.

¹⁸ Informação disponível em: WWW.paulosimões.com.br/ Acesso em: 22/04/2011.

utilizaram meios de transportes típicos dessa região, como cavalos, mulas, carros de boi e o barco, sendo o barco muito utilizado, principalmente, na época das enchentes no Pantanal.

Essa canção não aparece em nenhum de seus discos solos, mas fora interpretada por ele e por Sérgio Reis no decorrer da novela *Pantanal*, e também no site ao qual se tem acesso a essa canção. É uma música de letra simples, mas que deixa claro o relato de um acontecimento de muita importância para quem compôs, como fica evidenciado na primeira estrofe:

Nossa viagem não é ligeira, ninguém tem pressa de chegar
A nossa estrada, é boiadeira, não interessa onde vai dar
Onde a Comitiva Esperança, chega já começa a festança
Através do Rio Negro, Nhecolândia e Paiaguás
Vai descendo o Piquiri, o São Lourenço e o Paraguai¹⁹.

Logo no início dessa canção, o dedilhar da viola adquire um ritmo animado, mas ao mesmo tempo sereno, para logo iniciar a narração dessa viagem, cujo objetivo podemos interpretar, que é conhecer a natureza existente nesse local. Fica evidente no momento em que Sater cita os rios que cercam o Pantanal, como Rio Negro, Piqueri, São Lourenço e o Paraguai, reafirmando mais uma vez a natureza que cerca essa região, e assim, destacando também a “estrada”, ou os caminhos percorridos pelos “boiadeiros” no decorrer da passagem da comitiva.

Tá de passagem, abre a porteira, conforme for para pernoitar,
Se a gente é boa, hospitaleira, a Comitiva vai tocar
Moda ligeira, que é uma doideira, assanha o povo e faz dançar
Oh moda lenta que faz sonhar
Onde a Comitiva Esperança chega já começa a festança
Através do Rio Negro, Nhecolândia, e Paiaguás
Vai descendo o Piqueri, o São Lourenço e o Paraguai²⁰

¹⁹ Disponível em: <http://letras.mus.com.br/almirsater>. Acesso em: 20/12/2012

²⁰ Disponível em: <http://letras.mus.com.br/almirsater>. Acesso em: 20/12/2012

No decorrer da segunda estrofe, a batida da viola mantém o mesmo ritmo, acompanhando a narração da música. Nesse segundo momento relata que a comitiva está apenas de passagem, e que solicitam apenas um espaço para o gado e para os peões apenas para pernoitar. Referem-se à hospitalidade do povo, e mais uma vez pontuam as rodas de viola, no momento em que relata “A Comitiva vai tocar moda ligeira, que é uma doideira, assanha o povo e faz dançar” “Oh moda lenta que faz sonhar”, essa passagem dá margem a mais uma indagação, será que são típicas as rodas de viola no Pantanal? Podemos entender que sim, pois a maioria das canções de Sater relatam o violeiro e a viola, representando para o país que Mato - Grosso do Sul é rico na Cultura da música caipira.

Ê tempo bom que tava por lá,
Nem vontade de regressar
Só vortemo eu vou confessar
É que as águas chegaram em Janeiro, deslocamos um barco
ligeiro
Fomos pra Corumbá²¹

Utiliza o termo “vortemo” que foge aos padrões da língua portuguesa urbana, o que nos remete mais uma vez àquela afirmação da música caipira, da música raiz, utilizando termos advindos dessa cultura. Como acentua Alves Júnior: “Produzem efeitos de sentido que remetem o sujeito a uma cultura específica, explicitam características dos sujeitos rurais como a pouca escolaridade”²².

Na parte final da canção relata o término da jornada da Comitiva, enfatizando o principal motivo para que regressassem à cidade, é que a enchente chegou ao Pantanal e tiveram que sair às pressas, seguindo para a cidade de Corumbá, onde se localiza uma boa parte dessa planície alagadiça.

O artista Almir Sater transforma em “poesia” sua expedição ao Pantanal, dando ênfase a um ambiente rural bucólico, pacato e solidário, construindo assim um imaginário para os apreciadores de suas canções. De acordo com Pesavento:

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam

²¹ Idem.

²² ALVES JUNIOR, José Antônio, 1981. *Música Caipira Raiz: o entre lugar da memória e da contradição*/ José Antônio Alves Junior. – 2009. P.86

sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão²³.

Nesse sentido, podemos entender que o Cantor e Compositor Almir Sater, é “eleito” no imaginário da população sul-mato-grossense, e conseqüentemente, na imaginação do povo brasileiro, o representante da cultura pantaneira, e da música de viola. Vinculando, assim, juntamente com a sua imagem, uma identificação cultural do estado de Mato Grosso do Sul.

Influências musicais presentes no Pantanal e no Estado de Mato Grosso do Sul.

A música e a dança se encontram presentes em nosso itinerário constantemente, diversos gêneros, ritmos, canções e melodias que traduzem nossos dilemas, emoções e até utopias. A música, de acordo com Napolitano: “a canção (e a música popular como um todo) também ajuda a pensar a sociedade e a história. A música não é apenas “boa para ouvir”, mas também “boa para pensar”²⁴.

A música talvez seja, do ponto de vista das Autoras Sá Rosa e Duncan, uma das artes que melhor reflita, traduza e represente a imagem cultural de Mato Grosso do Sul. Uma vez que é, também, através das composições e canções produzidas pelos artistas do Estado, que referenciam as mil possibilidades de uma cultura multifacetada, em constante construção. De acordo com Sá Rosa:

Os sons gerados por seus criadores contêm sonhos, ilusões, conflitos definidores do perfil de um Estado em que se cruzam as tendências de uma cultura multifacetada, que abriga identidades indígenas e latino americanas, além das influências das correntes migratórias que incorporaram seu jeito de ser e estar no mundo ao cotidiano material e moral do Estado²⁵.

Dentro desse contexto, abre-se um leque amplo de possibilidades e riquezas musicais presentes no Estado, que vai desde os ritmos eruditos aos populares. Como por exemplo, o sertanejo, o samba antigo, a bossa nova, o pagode, o reggae, o pop, o rock n’roll, o blues, a polca paraguaia, o chamamé, o vanerão, o xote, a guarânia, o

²³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar*. In: História e História Cultural. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.41.

²⁴ NAPOLITANO, Marcos. *História e música – história cultural da música popular*/ Marcos Napolitano. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 120p. p. 11.

²⁵ ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: história de vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009.p.17.

rasqueado, a polca-rock, o cururu e o siriri²⁶, que são ritmos presentes na cultura do “novo Estado”, que auxilia na busca por uma identidade cultural.

Entre as correntes migratórias que por aqui passavam e muitos foram ficando, com seus hábitos e práticas que auxiliaram no processo de formação cultural do Estado, conforme descrito acima, podemos destacar também os mineiros, paulistas e goianos que foram responsáveis pela inserção de ritmos sertanejos e caipiras como o pagode, o cateretê, e o arrasta-pé²⁷.

Dentro desse processo de formação sócio-cultural, se destacam também a influência paraguaia como a polca, que traduz a alegria, a diversão e a hospitalidade dos bailes nas fazendas. Há também as músicas folclóricas típicas das cerimônias religiosas, como a Festa do Divino na cidade de Coxim, a Folia de Reis na cidade de Três Lagoas, os cantos presentes na festa de São João em Corumbá, nas quais de acordo com Sá Rosa, “(...) o sagrado e o profano se misturam, as canções dos grupos pantaneiros de cururu e siriri, ou as canções retiradas do imaginário popular como Cuitelinho e Marrequinha da Lagoa”²⁸.

Seguindo esse contexto de influências musicais, a autora nos leva seguidamente a pensar: existe uma música, ou um ritmo que defina o Pantanal e o Mato Grosso do Sul? De acordo com Sá Rosa não existe uma música do Pantanal, podemos mencionar ritmos, como o cururu e o siriri, como um resquício cultural que sobrevive em algumas localidades onde as antenas e as TVs não veiculam as músicas tocadas e cantadas no país inteiro, inserindo o Pantanal nessa imensa aldeia global²⁹.

Segundo o cantor e compositor Almir Sater, objeto de análise dessa pesquisa, em sua viagem ao Pantanal para conhecer de perto a cultura e a simplicidade dos habitantes da região, sendo que essa expedição por assim dizer, deu origem a Canção Comitiva Esperança (1983), que fora analisada anteriormente, afirma que:

A música de que o pessoal das fazendas gosta, até hoje é uma música que vem escorrendo junto com o rio Paraguai até chegar a Corrientes, que é o chamamé, o rasqueado e as guarânias. A música produzida no

²⁶ ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: história de vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009.p.18.

²⁷ ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: história de vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009. p.19/20.

²⁸ ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: história de vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009. p.20.

²⁹ *Idem*: p.20.

Pantanal é o cururu e o siriri, mistura do índio com os escravos, vem de Cuiabá e não tem nenhuma penetração em nossa região, além de Corumbá³⁰.

Essa passagem dita pelo cantor em sua entrevista, nos leva seguidamente a concordar com a estudiosa Sá Rosa, quando ela afirma que não existe uma música definida para o Pantanal “o que existe são composições inspiradas na cultura Pantaneira”³¹.

Podemos entender nessa afirmação que as práticas culturais presentes no Pantanal sul-mato-grossense inspiram nossos artistas. Práticas como a lida constante com o gado, crenças existentes no local, a profissão de peão, a confecção do couro, que dá origem as traíais de arreios que são utilizadas na rotina da agropecuária, além da fauna, da flora, dos rios que cercam essa região e identificando o Estado como uma parte dessa planície alagadiça.

Diante disso, essa afirmação da estudiosa Sá Rosa nos remete ao poder simbólico e imaginário contido nas canções objeto de análise dessa pesquisa. Adotamos, mesmo que inconscientemente, a música caipira, o dedilhar da viola, esse ritmo que fora imortalizado pelo violeiro Tião Carreiro³², como parte da nossa identidade cultural, nas composições, interpretações e voz do cancionista Almir Sater.

Mediante essa análise, a autora Pesavento contribui mais uma vez para o entendimento do poder da representação e do imaginário. Quando escreve:

Entende-se por imaginário um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo. (...) O imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real. Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras /discursos/

³⁰ ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: história de vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009. p.102.

³¹ ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: história de vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009. p.20.

³² José Dias Nunes nasceu em 1934 na cidade de Monte Azul distrito de Montes Claros, norte de Minas Gerais. Tentou a carreira musical com diferentes nomes artísticos e estabelecendo inúmeras duplas sertanejas, mas se consagrou com o nome artístico de Tião Carreiro que em parceria com Pardiniho formaram a dupla sertaneja mais conhecida do Brasil e que até a atualidade influencia muitos cantores que despontaram e despontam cantando músicas de viola. A dupla (Tião Carreiro e Pardiniho) lançaram 18 discos de 78 rotações, inúmeros compactos simples, 55 Lps e 54 Cds, seu último álbum foi “O Fogo e a Brasa” (1992). Criou em 1958 na cidade de Maringá-PR um novo ritmo, o pagode, que em Minas Gerais significa uma reunião, uma festa animada, e esse novo ritmo criado por Ele ao pontear a viola lhe concedeu o título de “REI DO PAGODE” e assim Ele se imortalizou para o Brasil inteiro e sempre será lembrado como “O CRIADOR E REI DO PAGODE SUA MAJESTADE TIÃO CARREIRO”. Disponível em: www.tiãocarreiro.com.br Acesso em: 20/06/2011.

sons, por imagens, coisas, materialidades, e por práticas, ritos, performances. O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito³³.

Seguindo nessa mesma linha, podemos interpretar que o artista em questão, assim como as outras artes e artistas existentes no Estado, recriam, representam, imaginam, constroem, definem, excluem, traçam semelhanças de um local com o outro dentro da própria região, construindo e definindo mesmo que involuntariamente uma identificação cultural para o Mato Grosso do Sul. Nesse momento, nos tornamos conscientes do poder que a representação exerce em nossa vivência, uma vez que nos identificamos, como já fora discutido acima, com fatos relatados nas composições e interpretações do cantor Almir Sater.

Identities Culturais de Mato Grosso do Sul

Como se enfatizara, essa constante busca, data desde a segunda metade da década de 1960 quando, a partir desse momento, os artistas tornaram-se os principais responsáveis pela criação de uma imagem que definisse a região sul do Estado de Mato Grosso. Retrocedemos a esse período, porque fora nessa época que ocorreram inúmeros festivais de músicas populares na cidade de Campo Grande. E, conseqüentemente, de acordo com Caetano, com a realização desse festival, possibilitou o aparecimento de artistas, com novos conceitos estéticos, que iniciaram a tarefa de produzir o que mais tarde seria reconhecido e chamado de música regional sul-mato-grossense, estabelecendo e contribuindo “para organização de uma imagem de cultura popular e identidade cultural para o estado”³⁴.

De acordo com a doutora em Letras Albana Xavier Nogueira, na apresentação do livro *A música de Mato Grosso do Sul: História de vida*:

(...) A música é um dos tipos de manifestação artística de grande significação para a construção de identidades, uma vez que a identidade, não é mais tida como estática, mas como algo em permanente processo de construção, posto que o “sujeito” assume identidades diferentes a cada momento, sem deixar de ser ele mesmo. Por meio das canções, dos ritmos, os artistas

³³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar*. In: História e História Cultural. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.43.

³⁴ CAETANO, Gilmar Lima. *A música regional urbana e identidades culturais de Mato Grosso do Sul: questões a partir da musicologia histórica* Gilmar Lima Caetano. – Dourados, MS: UFGD, 2012. 168 f. p.11

procuram traduzir as influências mais notáveis em relação aos hábitos, costumes, crenças e transformações socioculturais que vão construindo e reconstruindo valores e tradições³⁵.

Diante da afirmação da autora, ela nos leva à reflexão de como vem sendo construída uma identidade cultural para o Estado, no decorrer do século XX. Os artistas tornaram-se os principais representantes, reafirmando, por meio da música regional, a existência do Mato Grosso do Sul.

Inicialmente, destaca-se nas composições regionais, a figura do “Boi”, e uma relação direta da cultura com o desenvolvimento da agropecuária. Percebemos que nesse período existiam alguns setores, em especial, as elites políticas ligadas ao desenvolvimento do agronegócio, uma necessidade em afirmar que o Estado, de acordo com Caetano, “(...) deve tudo ao boi”, como proferiu um dos principais representantes desses grupos, o pecuarista e escritor Paulo Coelho Machado (MACHADO apud BITTAR, 2009, p.33)³⁶.

Pode-se observar que, essa busca ganha mais força ao final na década de 1980, período em que o Estado já havia sido dividido. Nessa época, de acordo com Caetano, os interesses midiáticos caminhavam em direção ao Pantanal, então, os artistas passam a produzir suas canções com o intuito de dar maior visibilidade a essa região, principalmente ao que se remete ao contexto natural e cultural desse local.

A partir desse momento, a constante afirmação da cultura regional vem sendo reafirmada e construída através de uma relação direta e constante com o Pantanal. Canções como as do artista em destaque, que retratam a fauna, a flora, os bichos, os peões, o cultivo da pecuária, ou melhor, a lida diária com o gado, constroem um enredo em torno da cultura pantaneira, um “imaginário”³⁷ que vinculamos mesmo que inconscientemente a identidade cultural do Mato Grosso do Sul, juntamente com a música de viola.

Diante disso, e de acordo com Bauman:

(...) Tornamo-nos conscientes de que o sentimento de “pertencimento” e “identidade”, não possuem a solidez de uma

³⁵ ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: história de vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009.p.12.

³⁶ *Idem*. p.11

³⁷ CAETANO, Gilmar Lima. *A música regional urbana e identidades culturais de Mato Grosso do Sul: questões a partir da musicologia histórica* Gilmar Lima Caetano. – Dourados, MS: UFGD, 2012.

rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de se manter firme a tudo isso são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer as pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa³⁸.

Podemos interpretar mediante tal afirmação, que essa constante construção da identidade sul-mato-grossense, está fortemente enraizada em nosso dia a dia. Nos sentimos pertencentes a esse mundo cantado e interpretado pelos artistas. Nesse momento, podemos refletir mais uma vez sobre o poder e a influência que a representação e o discurso exercem sobre a nossa sociedade, em especial, no âmbito musical.

Pensando sobre esse discurso regionalista, e enfatizando a criação de uma identidade para o “novo Estado”, Caetano nos auxilia mais uma vez nesse entendimento, quando escreve:

(...) Os discursos regionalistas, inclusive veiculados pelo próprio campo historiográfico, tornam-se constantemente matéria prima sempre pronta a reabastecer o imaginário, a (re) produzir certos tipos de saberes sobre uma determinada região. No caso da música regional, que também se constitui enquanto discurso regionalista, tanto a região, quanto a identidade regional, são conhecimentos constantemente reafirmados, embora sejam sempre construídos a partir de uma idéia em que a região e a identidade cultural regional são entendidas como algo inerte no tempo e no espaço, apegado a tradições perpétuas e imóveis, a verdadeira síntese do lugar e do ser local, uma memória compartilhada por *todos* os indivíduos³⁹.

Evidenciando mais uma vez as canções do cantor, intérprete e compositor Almir Sater, podemos analisar que o artista cria um enredo musical para definir os moradores de uma região, relacionados à fauna, à flora, à agropecuária, e a todo o ambiente natural que o cerca, elegendo fatos que se solidificam no tempo e no espaço, estabelecendo por

³⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benetto Vecchi/ Zygmunt Bauman*; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2005.p.17/18.

³⁹ CAETANO, Gilmar Lima. *A música regional urbana e identidades culturais de Mato Grosso do Sul: questões a partir da musicologia histórica/* Gilmar Lima Caetano. – Dourados, MS: UFGD, 2012. 168 f. p.61/62

assim dizer, mesmo que, involuntariamente, um apego à tradição, relatando as mudanças socioeconômicas do Pantanal e conseqüentemente do Estado do MS.

Mediante a afirmação, analisamos que, por diversas vezes, o conhecimento, os saberes e a vivência de uma região são relatados, representados e construídos a partir da música regional. Para enfatizar essa análise, Caetano nos auxilia mais uma vez, ao relatar outras regiões do Brasil que, assim como o Mato Grosso do Sul, também tiveram uma imagem construída através da música e transmitida através da mídia: a vivência cultural dos moradores da Região da Bahia e do Nordeste.

(...) Não há como negar que Dorival Caymmi inventou a Bahia, ou que Luis Gonzaga fez o mesmo com o Nordeste. Entretanto essa “Bahia de Caymmi” e esse “Nordeste de Gonzaga” são realidades ficcionais. São imagens estereotipadas daqueles recortes territoriais, as quais dimensionam o ser local como alguém inserido em práticas culturais quase sempre folclorizadas. Na verdade, não há como imaginar que essa “Bahia” de Caymmi, ou esse “Nordeste” de Gonzaga sejam realidades concretas, que correspondam a uma realidade que vá além do artístico, muito embora elas sejam constantemente reafirmadas pelos mais diversos meios de comunicação. Todavia, todas essas questões estão relacionadas à idéia de “invenção”⁴⁰.

Nesse ponto, devemos pensar a invenção como um resultado de um processo histórico, político e cultural que ocasionou uma determinada construção imagética de uma localidade, pois o sujeito e o objeto são construções da própria História. Invenção nesse sentido não significa que algo se originou do nada, existem sempre acontecimentos, algum pressuposto, fatos que a antecede⁴¹.

No caso da construção de uma identidade para o Mato Grosso do Sul, os artistas envolvidos nesse processo, destacando a participação do violeiro Almir Sater, objeto de análise dessa pesquisa, foram, por assim dizer, os responsáveis pela invenção de uma imagem para essa região “recém criada”, construindo e, de acordo com Caetano, “abastecendo o imaginário tanto da população local, quanto dos estrangeiros⁴².”

⁴⁰ CAETANO, Gilmar Lima. *A música regional urbana e identidades culturais de Mato Grosso do Sul: questões a partir da musicologia histórica*/ Gilmar Lima Caetano. – Dourados, MS: UFGD, 2012. 168 f. p.62.

⁴¹ *Idem* p.62

⁴² CAETANO, Gilmar Lima. *A música regional urbana e identidades culturais de Mato Grosso do Sul: questões a partir da musicologia histórica*/ Gilmar Lima Caetano. – Dourados, MS: UFGD, 2012. 168 f. p.63

Considerações Finais

Ao desenvolver este trabalho, esperamos ter alcançado, mesmo que parcialmente, um dos objetivos dessa pesquisa, que é conduzir o leitor a refletir sobre a maneira como vem sendo “construída”, divulgada e representada a cultura do Estado de Mato Grosso do Sul, ao longo da História, em especial através da música de viola e da relação intrínseca do Estado com o Pantanal sul-mato-grossense, para todo o País. E, de acordo com Caetano:

Não se pode ignorar a atuação dos artistas que surgem no contexto dos festivais de música popular em Campo Grande e que posteriormente vinculam-se à Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS), transformando-se em agentes fundamentais na produção de identidades artísticas e culturais para a região⁴³.

Inicialmente, as composições desses artistas, a partir da década de 1960, foram inspiradas na figura do “boi”, estabelecendo uma relação intrínseca com a economia do “novo estado”. E, devido ao interesse da mídia em torno do Pantanal, anexo a necessidade de diferenciar o Estado do Mato Grosso do Sul do Mato Grosso, a recém intitulada capital Campo Grande de Cuiabá, surgem novas composições estabelecendo uma relação com o Pantanal, discurso que ganha força a partir de 1980, e se pode dizer que permanece até os dias atuais.

E seguindo esse contexto, é devida a principal influência que o artista em destaque recebera do Cantor, compositor e violeiro Tião Carreiro, este se aproximou do universo “sertanejo”, mas identificou-se como representante da música caipira, como afirma em uma das entrevistas que foram uma das fontes para a análise dessa pesquisa.

Assim não há como negar que Sater, buscando manter as raízes da música caipira, se aproximou também do Universo Popular para alcançar o sucesso e consagrar-se como violeiro para todo o País. Nesse momento percebemos a forte influência midiática em torno da figura do cantor, uma vez que sua aceitação pelo público fora

⁴³ CAETANO, Gilmar Lima. *A música regional urbana e identidades culturais de Mato Grosso do Sul: questões a partir da musicologia histórica*/ Gilmar Lima Caetano. – Dourados, MS: UFGD, 2012. 168 f. p.151

devida a viola e a sua imagem vinculada ao Pantanal, no decorrer de sua atuação como ator.

Essa possibilidade nos remete ao forte poder simbólico, e à imaginação que foram discutidos nesse trabalho, que estão contidos nas canções composta, interpretadas, tocadas e cantadas por esse violeiro que, mesmo inconscientemente, aceitamos como representação e símbolo da identidade regional. Como afirma Caetano:

(...) é produzido o que se pode chamar de discurso regionalizante, ou seja, que inventa e faz ver o regional a partir de perspectivas fundamentalmente essencialistas. Logo, o grande problema que se coloca frente aos historiadores é questionar a criação das imagens e saberes sobre a região (...) ⁴⁴.

Sater através de suas canções, assim como outros artistas, a partir da década de 1980, quando o Estado havia sido dividido recentemente e vivia um período de constantes mudanças políticas e que podemos dizer também culturais, ao ter sido desmembrado do então Mato Grosso, buscaram novos caminhos em especial através da música, selecionando fatos que evidenciaram um enredo em torno da cultura pantaneira e da viola caipira, que tem por objetivo a criação de um mundo social, contribuindo mais uma vez para a formação cultural do Mato Grosso do Sul.

Construindo, dessa forma, um mundo social, divulgando e representando, como ele idealiza ser, traduzindo e transmitindo através da música uma sociedade vista através do olhar que ele (Sater) adquire ao longo de sua vivência e contato com o local em que está inserido, ou como gostaria que fosse, criando através de suas composições uma relação com o “real”.

Pode-se concluir, ressaltando que existe uma ideia de Mato Grosso do Sul e do que é ser sul-mato-grossense, “construída”, “pensada”, “inventada” e divulgada, decorrentes de um processo histórico, no caso a divisão político-administrativa do Estado. Acontecimento que acentuou e “despertou” uma maior necessidade em nossos compositores, de afirmar uma identidade regional para o nosso Estado. Processo que podemos entender, e que nos remete mais uma vez a refletir que essa constante

⁴⁴ CAETANO, Gilmar Lima. *A música regional urbana e identidades culturais de Mato Grosso do Sul: questões a partir da musicologia histórica*/ Gilmar Lima Caetano. – Dourados, MS: UFGD, 2012. 168 f. p.151

reafirmar era dar ênfase as belezas e temáticas regionais como, por exemplo, os rios, as matas e o Pantanal sul mato-grossense, cristalizando e estreitando ainda mais essa relação de homem e natureza, assim como criar e estabelecer um vínculo cultural do Estado com essa região alagadiça, estabelecendo assim uma identificação para o Mato Grosso do Sul.

Referências Bibliográficas

BONNY, Carina. *A Representação do Pantanal Sul Mato Grossense nas Canções Peão (1982) e Comitiva Esperança (1983) de Almir Sater*. Monografia; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Coxim – MS, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benetto Vecchi /Zygmunt Bauman*; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2005.p.7-107.

CAETANO, Gilmar Lima. *A música regional urbana e identidades culturais de Mato Grosso do Sul: questões a partir da musicologia histórica/ Gilmar Lima Caetano*. – Dourados, MS: UFGD, 2012. 168 f. p.

GUIZZO, José Octávio. *História e estórias de uma velha pendenga revisitada*. *MS Cultura*, v.1, n° 3, p.30-33, set./out. 1985. In: ROSA, Maria da Glória Sá. *Memória de arte em Mato Grosso do Sul: história de vida/ Maria da Glória Sá Rosa, Maria Adélia Menegazzo, Idara N. Duncan Rodrigues*. Campo Grande, MS: UFMS/CECITEC, 1992.

HOBBSAWN, Eric, RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HENRI, Zenner. *A Arte*. In: LE GOFF, Jaques; NORA, Pierre (orgs). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.p144-155.

NOGUEIRA, Albana Xavier. Apresentação. In: ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: Histórias de Vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009.

NOGUEIRA, Albana Xavier. *Pantanal: Homem e Cultura/ Albana Xavier; fotos de Mario Ramires e Raimundo Alves Filho*. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. *História e Música – história da música popular/* Marcos Napolitano. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 120p. (Coleção História e ... Reflexões, 2).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar.* In: *História e História Cultural.* 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.39-69.

ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. *A Música de Mato Grosso do Sul: história de vida.* Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009.

ROSA, Maria da Glória Sá. *Memória de arte em Mato Grosso do Sul: história de vida/* Maria da Glória Sá Rosa, MENEGAZZO, Maria Adélia, RODRIGUES, Idara N. Campo Grande, MS: UFMS/CECITEC, 1992.

SOUZA, José Antônio de. *Literatura e identidade Cultural em MS: algumas fronteiras e a (dês) indentificação com o Pantanal.* Londrina, 2008. 149.

Sites Consultados

www.suapesquisams.tur.br. Acesso em 08/11/2011

<http://letras.terra.com.br/almirsater>. Acesso em: 15/04/2011.

<http://letras.mus.com.br/almirsater> Acesso em: 20/12/2012

Fontes:

SATER, Almir. Peão. In: *Doma.* Rio de Janeiro: RGE, 1982. 1 disco sonoro. Faixa 11.

SATER, Almir. Comitiva Esperança. In: Documentário *Comitiva Esperança.* Categoria: Curta metragem/sonoro/não ficção, 16mm, 50 min. Produção: CARVALHO, Wagner; SATER, Almir; SIMÕES, Paulo, 1986. São Paulo. Companhia: Tatu Filmes LTDA.

ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. Paulo Simões: a consciência crítica de nossa música. *A Música de Mato Grosso do Sul: História s de Vida.* Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2009. P.29-45.

ROSA, Maria da Glória Sá e DUNCAN, Idara. Almir Sater: o mundo semovente do artista. *A Música de Mato Grosso do Sul: Histórias de Vida*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul 2009.p.97-107.

Entrevista “*Eu não Sou Sertanejo, eu sou roqueiro*”, disponível em: <http://www.overmundo.com.br/almir-sater-eu-nao-sou-sertanejo-eu-sou-roqueiro>
Acesso em: 15/04/2011.

Biografia disponível em: WWW.paulosimões.com.br/Pantanal Acesso em: 20/06/2011
<http://letras.mus.com.br/almirsater>. Acesso em: 20/12/2012

